

**O *AMERICAN WAY OF LIFE* NA
RECONSTRUÇÃO DA EUROPA NO PÓS-
GUERRA**

***THE AMERICAN WAY OF LIFE IN THE
RECOVERY OF EUROPE IN THE POSTWAR***

Jaqueline Ganzert Afonso

Mestre em Ciência Política (Université de Montréal, Canadá), especialista em Comércio Exterior (PUC-PR), Internacionalista (Unicuritiba) e Administradora (UFPR). É professora do curso de Relações Internacionais do Unicuritiba

E-mail: jaqueline.ganzert@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa propor uma análise das Relações Internacionais mediante o paradigma Realista na Europa no pós-guerra. Para o Realismo, o sistema internacional encontra-se anárquico e torna a questão de segurança seu ponto chave. A noção de poder político para estes teóricos realistas vem da tentativa de um Estado determinar seu controle interno, para tanto, busca força no apoio externo. A interação ficou muito visível no pós-guerra, quando a noção do poder político influenciou uma nova concepção das Relações Internacionais. Um dos maiores atores desse cenário foram os Estados Unidos, que auxiliando a Europa devastada pela guerra, implementou o Plano Marshall utilizando a ajuda financeira e seus instrumentos do poder, trouxe reflexos à expressão cultural europeia. O American way of life transformou a percepção tradicional da sociedade da Europa construindo novos conceitos nessa sociedade fragilizada pela guerra. A divulgação das expressões estadunidenses na Europa vinculou uma imagem de confiança aos novos preceitos de democracia e do capitalismo, defendidos como símbolos do Ocidente pelos Estados Unidos, e que seriam aos poucos infiltradas no cotidiano de aliados e futuros aliados politicamente estratégicos.

Palavras-chave: Pós-Guerra, *soft power*, conferências de paz, propaganda

ABSTRACT

This article aims to analyze the International Relations by the Realistic paradigm in Europe after the war. For this paradigm, the international system is anarchic and sees security as a main point. The notion of political power to these realistic theorists comes from the attempt by a State to determine its internal control, therefore, seeks to force on external support. The interaction was very visible in the postwar period, when the notion of political power influenced a new conception of the International Relations conception. One of the greatest actors of this scenario is the United States, by helping the war-torn Europe on implementing the Marshall Plan and by using the financial assistance and its instruments of power, the US brought up reflexes on European

cultural expression. The American way of life transformed the traditional perception of Europe's society building new concepts into the weakened society. The disclosure of US expressions in Europe linked a reliable image to the new precepts of democracy and capitalism, defended as symbols of the West, and that would be gradually infiltrated in the daily life of future allies and politically strategic allies.

Keywords: Post-war, soft power, peace conferences, propaganda

1 INTRODUÇÃO

O cenário do mundo de hoje é reflexo de ontem. O que vivemos hoje decorre de imediato vivido na historiografia. As análises e argumentações diante do cenário histórico são sempre apresentadas como fatores causadores de reações estatais sobre determinados aspectos, refletindo-as em gerações. A seguir, serão discutidas reações aos estímulos e decisões políticas entre os Estados que acabaram por interferir na produção da sociedade.

No pós-guerra na Europa, época que foi implantado o Plano Marshall, o qual foi desenvolvido pelo governo estadunidense identificado a fim de promover “ajuda econômica” na reconstrução das nações destruídas na guerra, teve como consequência a agregação política de aliados diante da formação do poder no cenário das Relações Internacionais do período. Em um dos polos encontrava-se a União Soviética, com seus ideais socialistas; e no outro o capitalismo estadunidense.

O *American Way of Life* na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

O governo dos Estados Unidos buscava aliados durante a reconstrução do continente europeu, e, para tanto, difundiu mecanismos alternativos para a aceitação desta influência. A percepção da política externa estadunidense, errônea ou não, caracteriza a Europa como um único Estado, desconsiderando as diversidades e individualidades que a compõem. Esta visão é utilizada em toda a análise que vem a seguir, indicando a visão da estratégia de poder.

Ao trazer para a prática a implantação do Plano Marshall, o governo estadunidense facilitou que empresas e organizações implementassem filiais de seu país em solo europeu, trazendo vagas de empregos e, consigo, a cultura da produção típicas dos Estados Unidos, além de divulgar tais empresas através de uma mídia seguindo o estilo de vida americano (*American Way of life*) para a divulgação de novos produtos, através de novos estilos desenvolvidos em uma outra sociedade e que agora estava sendo exportada além-mar.

Com o intuito de apresentação dos reflexos das estratégias e situações políticas globais, a presente análise buscará apresentar as Relações Internacionais sob o foco das consequências através das causas. Em outras palavras, tomando como exemplo o caso da Europa no pós-guerra, como os Estados Unidos utilizaram-se do poder estatal para interferir no meio restrito europeu - que era a cultura sociedade - para levar à internacionalização da sua cultura de maneira a ambientar os europeus em sua concepção política.

GANZERT AFONSO, J.

Iniciando pela apresentação histórica do contexto entre os atores em questão, a definição dos dados históricos percebe-se que a dimensão de influência dos Estados Unidos sobre outros países não é recente, porém, mantendo-se sempre uma condição isolacionista de sai política externa. Além do *American Way of Life*, os Estados Unidos mantêm um sentimento de “salvadores”, que os levam a se envolverem com os problemas dos demais países, sejam eles de qualquer natureza, com o intuito de indicar um caminho de plenitude. Trata-se do “Destino Manifesto”.

Conforme citado, esta análise visa uma percepção das Relações Internacionais sob o contexto da internacionalização de estilos. As representações únicas de cada sociedade possam sofrer interferências, e por vezes, alterações, não apenas no conteúdo formal da política, mas também no sentido informal da sociedade, através de reformulações de visões de objetos, formas ou entretenimento.

Sendo assim, o poder político será demonstrado do viés contido nas situações comuns da sociedade em que o indivíduo busca o conforto e o prazer no que lhe faz bem e agrada.

2 PERCEPÇÕES HISTÓRICAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

As conferências de paz de Teerã, Yalta e Potsdam definiram a concepção de poder na política internacional ao final da Segunda Guerra Mundial. As Relações Internacionais encontravam-se sob uma nova ótica, em que se determinou novas potências mundiais, as quais

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

detinham o poder político e que ansiavam ampliá-lo, de modo que a dominação fosse mundial. O papel das conferências entre os “Três Grandes” (Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética) confirmava que a política externa internacional seria regida não mais pela guerra armada, mas pela busca da ampliação do poder através de uma luta fundamentada na segurança interna, como os acadêmicos realistas propuseram.

Mal acabara a Segunda Guerra Mundial, quando ainda notava-se a discussão sobre as viabilidades de um mundo sem conflitos onde a ordem internacional, que procurava manter a paz internacional, regeria as Relações Internacionais. Mesmo num cenário sem combates, as conferências de paz serviram como forças propulsoras para os egos de Estados com diversas ideologias econômicas e políticas que desejavam obter o expansionismo e domínio mundial. Dava-se espaço para a Guerra Fria, que envolveria todo o mundo, como as guerras mundiais anteriores.

As conferências de paz marcaram o fim da guerra, analisaram o futuro da Alemanha mas nem tocaram no espectro que a guerra deixara nos demais países da Europa, nos próprios territórios dos grandes negociadores. O pós-guerra europeu descrevia a um cenário de destruição física, moral e política. As perdas materiais estavam por todo lado, das construções que deixaram de existir nas cidades, às plantações devastadas e o gado morto no campo. Os reflexos do final da Segunda Guerra só pioravam quando se notava a condição em que se encontravam seus moradores, que vagavam pelas

GANZERT AFONSO, J.

ruas e estradas a procura de teto e comida. A condição da população causou uma grande migração, provocada tanto pela a guerra quanto pelo período pós-guerra, assumindo proporções inigualáveis diante da toda a história europeia moderna, como descreve Perry (1999)¹.

No contexto, a Europa estava destruída, todo seu território e toda a sua população carregavam cicatrizes da luta armada e dos horrores morais presenciados em seu solo; a União Soviética via sua população marcada pelo abatimento e extermínio de cerca de milhares de soldados, suas economias abaladas, seus Estados não tinham argumentos diante da comunidade internacional visto que perderam grande parte de seu poder, e o medo de que o sentimento do nacionalismo fosse comparado ao que representou o nazismo.

Já os Estados Unidos tinham uma perspectiva de guerra diferenciada. Por mais que muitos soldados tenham sido feridos ou mortos, o número não se compara ao sentido pelos soviéticos, seu território manteve-se seguro, sua economia viu o crescimento decorrente da indústria bélica (fornecedora de armamentos e munições aos beligerantes) e o poder político estava intacto e a procura de artifícios para ampliá-lo. Os Estados Unidos detinham o fôlego que a Europa não conhecia, a economia em crescimento que a União Soviética observava e o poder político com estratégias

¹ PERRY, M. **Civilização Ocidental**: Uma história concisa. 2 ed. Martins Fontes: São Paulo, 1999, p.626.

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

instrumentalizadas no comportamento interno estadunidense, o *American way of life*.

Os Três Grandes definiram para si a posição de controle da Europa sob os aspectos militar e político durante as convenções, não se debateu, no entanto, a condição social da população local, principalmente da Alemanha, onde a destruição era maior. O que se discutia era a questão do poder, e o que se almejava nas entrelinhas negociais era o equilíbrio e controle total deste. Os Estados Unidos “mantinham na manga” seu poder na forma da bomba atômica, citada por Truman – enquanto presidente – como a grande aliada contra as forças inimigas.

O equilíbrio das forças no cenário de pós-guerra foi aprimorado pela retórica das superpotências que tratavam de suas ideologias como argumentos políticos na luta pelo poder, no mesmo sentido que define Morgenthau no conjunto de sua obra. O incentivo à Guerra Fria dava-se mais pelo bloco ocidental que afirmava e garantia que o futuro do capitalismo e do mundo liberal não estava definido, mas sob a ameaça do inimigo vindo do leste, foi então que os argumentos da democracia e da liberdade passaram a fazer parte da retórica estadunidense dirigida à população europeia.

É indiscutível afirmar que o pós-guerra definiu o fim da luta armada e o início da utilização de estratégias políticas e negociais entre os Estados na busca pelo poder. Destacaram-se dois atores, os quais defendiam bandeiras ideológicas opostas: os Estados Unidos e a União Soviética. A disparidade entre o posicionamento estadunidense

GANZERT AFONSO, J.

e soviético estava enraizada na própria guerra: a União Soviética devastada tanto em território, quanto em população e governo, buscava reencontrar-se após a luta; enquanto os Estados Unidos, que por sua vez não registraram as destruições da guerra em território nacional, enxergavam a si próprios como os grandes vencedores da guerra, além de terem visto sua vitória sem que a população perdesse a tranquilidade, há ainda que se salientar o modo como a própria população acreditava ser: o povo escolhido para salvar, que ficou conhecido como Destino Manifesto², estender a riqueza para “ajudar” a reconstrução da Europa, graças à condição de detenção da cultura do Ocidente enraizada no poderio político.

As relações entre os Estados Unidos e a União Soviética são curiosas visto que passaram de aliados ao final da guerra, para inimigos após as conferências, lutavam “sem armas” pelo poder e a razão de ser o Estado com maior influência no mundo, garantindo seu fortalecimento pela razão ideológica central. As tensões deixaram de ser em relação à estratégia do objeto de análise (a Europa) e voltaram-se aos estrategistas (Estados Unidos e União Soviética). A medição da disputa girava em torno da conquista de cada território aliado diante o inimigo. Vale ressaltar a Grã-Bretanha, outro articulador das conferências de paz, não estava disputando poder, e sim se voltava

² **Destino manifesto:** expressão surgida em 1845 em artigo de jornal publicado pelo jornalista John L. O’Sullivan, consistia em afirmar que o destino estadunidense – sob bênçãos divinas – era de disseminar as instituições democráticas. Para tanto, a questão voltava-se, após o avanço histórico, à providência divina, à liberdade política e à geopolítica do espaço vital. (MAGNOLI, 2004, p.92)

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

submissa às ideologias e as pontuações dos Estados Unidos em favor de benefícios, já presenciados no período que antecedeu a Conferência de Yalta.

Contudo, o ambiente interno dos Estados Unidos apresentava uma verdade dura: o receio da vivência de uma nova “Grande Depressão”, a crise econômica vivida com o pós-Primeira Guerra Mundial. Foi, então que, em março de 1947 que os Estados

Unidos selaram sua decisão promovendo uma divulgação do posicionamento contra a ideologia política da União Soviética, a Doutrina Truman. Com ressalvas de que os soviéticos viessem a interferir na Grécia e na Turquia, conhecendo a situação da Inglaterra na região até então sob seu domínio, o presidente Harry Truman divulgou a condição política que assumiria seu país: “Os Estados Unidos devem ter como política apoiar os povos livres que estejam resistindo às tentativas de subjugação por parte de minorias armadas ou de pressões externas”³, mais uma vez ditando o destino manifesto.

O confronto entre a União Soviética e os Estados Unidos ia além das ideologias, comunista e capitalista, mas seguia a condição de força, a luta pela soberania, aproveitando-se que as grandes potências do período que antecedia a guerra estavam destruídas e sem condições de lutar, mas em busca de auxílio externo para que a sua população se refizesse e voltasse a construir seus países. A maior preocupação vinha por parte dos Estados Unidos diante da

³ MAGNOLI, 2004, p.93.

possibilidade de uma supremacia soviética ameaçando a manutenção do poder supremo dos Estados Unidos, desencadeando uma resposta da União Soviética. Com ressalvas, os soviéticos fecharam as fronteiras com o Ocidente através do Muro de Berlim, que serviria como símbolo da separação entre os dois blocos.

3 DOCTRINA TRUMAN

O cenário mundial era incomum. A Conferência de Yalta (1945) terminara e em seguida viu-se a morte do seu grande representante e negociador dos Estados Unidos – Roosevelt, a Conferência de São Francisco (1945) de consolidaria os pensamentos de manter as relações internacionais regidas por um órgão supranacional; Berlim fora capturada pelas forças soviéticas; a rendição alemã era assunto e ao mesmo tempo alívio da rendição inimiga. Contudo, o poderio estadunidense acabara de ser testado em Alamogordo, era a bomba atômica, que definiria os novos rumos diplomáticos da superpotência capitalista.

O clima de cordialidade e de percepção de paz mundial foi sobreposto e as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética eram cada vez mais críticas. A condição dos Estados da Europa Oriental causara maiores problemas entre as potências, a influência soviética era o impasse. Era a característica que diferenciava a política estadunidense de Roosevelt para Truman, seu sucessor. Enquanto o primeiro agia de maneira diplomática, o segundo utilizava-se das

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

noções de poder e dos mecanismos pelos quais impunha o poder de dominação (a bomba atômica).

Os Estados Unidos declararam que a Grã-Bretanha não seria mais capaz de controlar os governos turco e grego, sob seu domínio. Contudo os interesses estadunidenses estavam na necessidade de uma localização estratégica prudente. A Turquia controlava o trânsito dos mares Mediterrâneo e Negro, além de encontrar-se em condição de caos econômico que assolava sua população, sua principal vantagem de anexação aliada vinha da situação fronteiriça com a União Soviética. Já a Grécia sofria com os rebeldes comunistas, além do governo corrupto e violento que estava cedendo às pressões da Iugoslávia e Bulgária, podendo logo vir a servir o inimigo.

Foi então que um determinado artigo publicado no jornal *Negócios Exteriores* sob o codinome Mr. X, que logo foi descoberta a identidade, o conselheiro da embaixada americana em Moscou, George Frost Kennan, informava o comportamento da política externa de Moscou e apresentava uma doutrina que detivesse o expansionismo soviético, nas seguintes palavras:

Se verá claramente que a pressão soviética contra as instituições livres do mundo ocidental é algo que se pode conter com a adequada e vigilante aplicação de uma contra força em uma série de pontos geográficos e políticos em constante mudança, associados às manobras da política soviética (...) ⁴

⁴ GRIFFITHS, M. **50 grandes estrategistas das Relações internacionais**. São Paulo: Contexto, 2004, p.42.

Mr. X previa uma confrontação política, ideológica, econômica e militar de longo prazo. E seria necessária uma contenção das tendências expansionistas de Moscou que acabaria evidenciando a fragilidade dos alicerces do próprio regime soviético e, por consequência o conduziria ao colapso. Tais fundamentações formalizaram e promoveram a orientação política subjacente: a Doutrina Truman.

A Doutrina Truman é o nome como ficou sendo chamada a orientação da política externa, neste contexto, definida pelo presidente estadunidense Harry Truman em 1947, de modo que o objetivo principal era de assegurar a “contenção” da União Soviética. Foi o eixo de sustentação da política externa deste país na Guerra Fria, e que traçou todos os indícios de relacionamento com a União Soviética, ou referências à este Estado (passada a população através de sua dominação).

A formulação da Doutrina Truman teve fundamentava a tese sobre a defesa de valores ditos universais, e de que os Estados Unidos, eleitos pelo destino manifesto, como fiéis depositários da tradição Ocidental, teriam como tarefa a defesa dos “povos livres” do mundo que encontravam-se sob a ameaça do “terror” e da “opressão”. Estes valores universais também constavam na concepção estadunidense de segurança. Os regimes totalitários que ameaçassem

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

os povos livres estariam, também, ameaçando a paz internacional, que, por sua vez, ameaçaria a segurança dos Estados Unidos.

A inserção na política externa dos Estados Unidos de uma doutrina que reja a visão sobre o mundo não vem a ser uma novidade. A Doutrina Monroe⁵ definia o que ficou sendo chamado de “Hemisfério Americano”, o espaço prioritário de atuação e engajamento internacional. A questão do isolacionismo estadunidense também é visível na história desde que idealizou-se ser o centro da política externa, e a Europa ocupava este lugar. Foi reforçado durante a Primeira Guerra Mundial, e reforçado no entre guerras. Seguiu-se com a ideologia, mais uma vez, em defesa dos povos livres, e após a Doutrina Truman, no controle do expansionismo soviético, para manter o equilíbrio de poder na esfera de influência.

A Doutrina Truman tornou-se um marco de significava reviravolta no contexto político dos Estados Unidos, que desde o século XIX rejeitavam o engajamento na política eurocêntrica e denunciavam as noções de equilíbrio de poder e esferas de influência. No Capitólio, o presidente Harry Truman discursou sobre o compromisso estadunidense com referências à sustentação dos governos grego e turco na região, mas têm-se tal trecho como a definição dos princípios gerais que passaram a orientar a política externa dos Estados Unidos nos anos que seguiriam a Guerra Fria:

⁵ **Doutrina Monroe:** orientação política externa definida pelo presidente americano James Monroe em 1823, cuja finalidade consistia em assegurar a independência dos novos Estados americanos em relação às potências europeias. (MAGNOLI, 2004, p.82)

No momento atual da história universal, quase todas as nações devem escolher entre formas de vida alternativas. Frequentemente, essa escolha não é livre. Uma forma de vida baseia-se na vontade da maioria e caracteriza-se por instituições livres, governos representativos, eleições livres, pela garantia das liberdades individuais, pela liberdade de expressão e de religião e pela ausência de opressão política. A segunda forma de vida baseia-se na vontade de uma minoria, imposta pela força à maioria. Assenta-se no terror e na opressão, no controle da imprensa e do rádio, em eleições controladas e na supressão das liberdades pessoais. Creio que a política externa dos Estados Unidos deve consistir em apoiar os povos que estão lutando contra tentativas de subjugamento por parte de minorias armadas ou de pressões externas. Creio que devemos ajudar os povos livres a desenvolver seu destino à sua maneira.⁶

4 “O ATO MENOS SÓRDIDO DA HISTÓRIA”⁷

Os dados apresentados pela história não negam que a Europa enfrentou a escassez de divisas e de elementos produtivos no imediato pós-guerra, que impedia a retomada econômica que antecedia a guerra a qual utilizava-se de bens de importação consumo e de capital; era uma situação próxima à ruína econômica. Dos países europeus, a Alemanha era a que mais sofria. Os reflexos da guerra ainda tiveram uma potencialização que decaiu ainda mais a situação da população europeia: o inverno. Entre os anos 1946 e 1947, a

⁶ Discurso de Truman, in: MAGNOLI, 2004, p.97.

⁷ Forma em que Churchill qualificou a proposição do Plano Marshall.

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

Europa foi assolada por um rigoroso inverno, sendo registrado como um dos mais frios de toda a história europeia. A ruína econômica, anteriormente citada, estava de fato cada vez mais aproxima.

Dos cenários do pós-guerra pelos países europeus, nenhum Estado escapava da situação crítica. As grandes potências Europeias (Grã-Bretanha, França e Alemanha) estavam tão desoladas quanto os demais países. Na Grã-Bretanha a população encontrava-se sob um programa social bastante severo, que incluía o racionamento de pão, o inverno provocou a paralisação dos transportes ferroviários, a suspensão do abastecimento de carvão e de parte significativa da produção industrial (uma vez que utilizava deste carvão para trabalhar). Na França havia um receio maior de que a população atravessasse o caos, por isso tentativas de evitá-lo eram mais frequentes; o problema era de que as divisas que eram escassas, eram utilizadas para importar alimentos, mas faltava carvão para reativar a produção industrial; e a siderurgia funcionava na metade do nível atingido antes da guerra. Na Alemanha, o caos social erradicava cada vez que milhões de alemães étnicos eram transferidos de volta da Polônia e da Tchecoslováquia, e a sobriedade social era apagada quando a fome e a falta de moradia alavancavam e tomavam conta de boa parte da população. Em toda a Europa neste período a economia adotava informalmente uma nova moeda de circulação: maços de cigarro eram utilizados em escambo pelas cidades.

As imensas nevascas que destruíram a produção dos poucos campos que ainda contavam com a capacidade produtiva de certa

GANZERT AFONSO, J.

maneira, ainda tiveram que acompanhar a queda da economia em detrimento de fatores políticos. Os partidos conservadores encontravam-se desgastados, enquanto trabalhadores desempregados voltavam-se para a esquerda, que emergia, e deste modo atingia em cheio o receio e a necessidade de uma contenção soviética.

Analisando e presenciando a situação do mundo, foi anunciado pelo secretário de Estado estadunidense, George Marshall, o Plano de Reconstrução Econômica, primeiramente divulgado na Universidade de Harvard em 5 de junho de 1947, e que passaria a ajudar a Europa: “Nossa política não é dirigida contra qualquer país ou doutrina, mas contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos.”⁸. O texto ainda salientava que os Estados Unidos deveriam liderar um plano de cooperação internacional para o renascimento europeu. Mais uma vez rememorando e inspirando-se em declarações de Kennan (Mr. X) o Plano Marshall, como ficou popularmente conhecido, representava a respostas estadunidense à crise generalizada na Europa, desde a questão de necessidade de moradia, até as questões referentes à alimentação da população.

A proposta de reconstrução não seria apenas de oferta de dinheiro, mas, também, de maquinaria, projetos, matéria-prima e peritos versados na tecnologia estadunidense, além de transferência de filiais de empresas do país para a Europa com o intuito da geração

⁸ Discurso de Marshall em Harvard.

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

de emprego. Marshall tornou claro que a Europa deveria fornecer a maior parte da iniciativa de mão-de-obra e energia para movimentar a ajuda. Em troca, caberia às nações europeias o auxílio entre si através de empréstimos, troca de favores, acelerando o fluxo do comércio internacional. As tarifas deveriam ser derrubadas ou grandemente reduzidas em todo o mundo livre, fatos que alimentavam a ideia daqueles que seguiam os ideais do general francês De Gaulle de unir a Europa “do Atlântico aos Urais”⁹.

A condição imposta por Washington aos países europeus consistiu, apenas, em que o programa de reconstrução fosse articulado em bases supranacionais, com organismos de cooperação interestatais. Essa estratégia soldava o destino dos Estados participantes do programa, funcionando como alicerce para a configuração de um bloco econômico e político europeu. O programa tinha evidente caráter estratégico e geopolítico, mas seu alcance versava além do cenário europeu, tinha também interesses sobre a União Soviética, que negou e proibiu suas nações satélites de participarem.

Diante da proposta estadunidense os Ministros das Relações Exteriores da França e da Inglaterra convidaram todas as nações

⁹ Expressão utilizada pelo General francês Charles De Gaulle diante da formulação embrionária da Europa unida. Tal expressão demonstrava seu temor da marginalização francesa pelo eixo anglo-americano, que estava disposto a reconstruir a Alemanha. Nesta expressão a utilização de “Europa unida” remetia a idéia do século XIX de restauração política no qual De Gaulle demonstrava querer uma aliança entre a França e os Estados do Leste.

GANZERT AFONSO, J.

européias, inclusive a Rússia, para uma conferência em Paris com a hipótese do Programa Unificado de Reconstrução em pauta. Em 22 de setembro de 1947, dezesseis nações se apresentaram na Conferência, e decidiu-se sob uma soma de 22 bilhões de dólares seriam necessários para a serem empregados em 4 anos seguintes com intuito de reconstrução. Parte do dinheiro deveria vir do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), parte de várias nações que apoiavam a causa, e a maior parte dos Estados Unidos. De todos os dezesseis países presentes na conferência, a Grã-Bretanha, França, Itália e Alemanha Ocidental foram as maiores beneficiadas.

Os resultados obtidos, logo eram observados. Em 1950, a Europa Ocidental já ultrapassava em 25% sua produção de antes da guerra. Em 1952, a cifra atingiu 200%, que a Europa não negava ter atingido com o apoio dos Estados Unidos.

Como cita COMMAGER (1967), o depoimento da época, sob o ponto de vista dos Estados Unidos era de que:

Em meados de 1950 os países participaram o Plano Marshall haviam elevado seu índice de produção a 25% mais do que o nível de 1936-1939; no fim de 1951, ele estava 50% mais alto. Na verdade, as fábricas e a agricultura da Europa Ocidental alcançaram a produção mais alta de sua história. (...) A maioria dos países estava aumentando sua produção industrial de 7% a 9% ao ano.¹⁰

¹⁰ COMMAGER, H. S. NEVINS, A. **História dos EUA**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967, p.425.

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

O crescimento e a visível estabilidade econômica começaram a sofrer ameaças quando a Guerra Fria se expandiu e a corrida armamentista do Ocidente passou a ser assunto político. A taxa de impostos entre as nações europeias que estavam controladas, sofreram elevações o que gerou a inflação, ocasionando um freio ao progresso continuado de desenvolvimento.

A troca de favores foi bastante divulgada ao público, e a população estadunidense acreditava que a sua missão de salvamento estava ativamente servindo um povo destruído e que se reestabelecia. A população via os europeus como ingratos, pois o auxílio em seu favor foi extraordinário, enquanto os europeus acreditavam que os americanos esperavam demais.

O mesmo que Kennan (Mr. X) descrevia era descrito pelo Plano Marshall. Contudo, a ênfase dada por Kennan ao auxílio econômico foi descrita pelo autor como incompreendida pelos formuladores do plano que trabalharam com o poder da retórica e do uso da linguagem, também usada na formulação da Doutrina Truman em 1947, poderia comprometer os Estados Unidos a apoiar indefinidamente quaisquer regimes que se confrontassem com a “subversão interna” ajudada pela União Soviética:

Desde o próprio início da sua vida nacional, os americanos professavam uma forte crença naquilo que consideravam ser seu destino: estender, através do exemplo, a liberdade e a justiça social para todos e desviar a humanidade do mal caminho, conduzindo-o

GANZERT AFONSO, J.

até a Nova Jerusalém terrena (...) Mas os Estados Unidos não seriam apenas o farol de uma maneira de viver internamente de forma democraticamente superior. Também seriam exemplo de um modelo de comportamento internacional democrático moralmente superior.¹¹

O que levou aos Estados Unidos simplesmente ajudar economicamente e a levar o que seria necessário para a reconstrução não foi apenas um ato de bondade, mas uma estratégia política que via nos europeus a chave estratégica na obtenção de aliados contra a União Soviética. Já no Império Romano situações como esta eram descritas, e a história se repete quando os argumentos utilizados são vitoriosos de maneira ardilosa. Sobre o Império Romano, Maquiavel escreveu, em determinado trecho de sua obra, algo que tem referência às razões que levam uma nação ajudar outras:

Como demonstram todos os que escrevem sobre política, bem como numerosos exemplos históricos, é necessário que quem estabelece a forma de um Estado, e promulga suas leis, parta do princípio de que todos os homens são maus, estando dispostos a agir com perversidade sempre que haja ocasião. (...) os homens só fazem o bem quando é necessário; quando cada um tem a liberdade de agir com abandono a licença, a confusão e a desordem não tardam a se manifestar por toda parte. Por isso se diz que a fome e a miséria despertam a operosidade, e que as leis tornam os homens bons.¹²

¹¹ MAGNOLI, 2004, p. 126.

¹² MAQUIAVEL, N. Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio, Brasília: UnB, 1994, p.29.

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

Inegavelmente, a situação na Europa era como bem descreveu MAQUIAVEL (1994, p. 29), era de “fome e miséria”, mas também era necessário aos Estados Unidos o interesse e o apoio europeu, ainda mais das grandes potências (ou ex-potências), nesta ocasião em que a União Soviética se expandia e ameaçava o poder capitalista, “os homens só fazem o bem quando necessário”.

5 GUERRA DE PRETENSÕES: NEGOCIAÇÕES DA GUERRA FRIA

O Estado europeu que mais presenciou as negociações da Guerra Fria de maneira que interferisse em seu domínio interno de maneira mais congruente foi a Alemanha, sem dúvidas. Logo em 1948, a Alemanha não era um país, mas dois: a República Federal da Alemanha (RFA ou Alemanha Ocidental), sob o domínio capitalista; a República Democrática Alemã (RDA ou Alemanha Oriental), sob o domínio soviético.

Enquanto na RDA o domínio soviético impunha a ditadura do Kremlin, na RFA o governo foi reestruturado e durante a administração do primeiro-ministro democrata-cristão Konrad Adenauer (entre 1949 e 1963) a Alemanha viu um período de prosperidade com o pós-guerra dado a ajuda econômica vinda dos Estados Unidos – o Plano Marshall. A RFA recebia total atenção dos Estados Unidos, principalmente a parte da capital que era Ocidental.

Nessa época, a Alemanha passa a ser o centro do conflito entre a União Soviética e os Estados Unidos, e Berlim o foco. Em 1948,

os soviéticos ordenaram o Bloqueio de Berlim simbolizado anos depois pela construção de um muro – em 1961, para deter o fluxo de refugiados para o Ocidente – que dividiria a capital e que a intenção era de enfraquecer Berlim Ocidental pela fome. Contudo, a estratégia do oeste sobre o fato foi breve, a sobreposição do muro através de uma gigantesca ponte aérea, o que mais se queria com estas atitudes era a demonstração da força do poder para além da manutenção de Berlim independentemente da ideologia da cidade.

A construção do Muro de Berlim apenas encorajou ainda mais aos Estados Unidos a reagir contra a União Soviética, e Berlim Ocidental passou a ver uma “vitrine” do capitalismo. Na cidade via-se a modernidade e os padrões estadunidenses em todas as partes. O comportamento da população dos Estados Unidos foi “importado” e até mesmo a cultura berlinense estava sendo influenciada pela cultura que passou a ser chamada de *American Way of Life*¹³.

André Gunder Frank¹⁴, teórico alemão, analisou e distinguiu em suas obras três estágios do ciclo de acúmulo de capital: mercantilismo (1500-1770), capitalismo industrial (1770-1870) e o imperialismo (1870-1930), e sintetiza a existência de ciclos longos de expansão e estagnação sucessivas do sistema capitalista mundial, o qual a política externa estadunidense se beneficiou. Segundo o autor,

¹³ **American way of life** é o modo de vida norte-americano propagado pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria, valorizando o capitalismo e depreciando o socialismo. (MAGNOLI, 2004, p.85)

¹⁴ Ver: FRANK, A. G.; COCKCROFT, J. D.; JOHNSON, D. L. **Dependence and Underdevelopment**: Latin America's Political Economy. New York: Anchor Books, 1972.

O *American Way of Life* na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

a estagnação e a crise tratavam-se das “consequências às limitações impostas pelas forças produtivas”, ou seja, um período de pós-guerra onde a produção é limitada pela falta de insumos e energia, estagnação surge. Segundo seus estudos, AGF define que os Estados Unidos tornaram-se desenvolvidos por duas razões: 1) beneficiaram-se de uma acumulação mercantil substancial por sua posição comercial do século XVIII; e 2) tiveram o incentivo de terem um colonizador negligente com as colônias – Grã-Bretanha – que acabava deixando seus proprietários e fazendeiros locais desenvolverem-se, gerando lucros para a sua sobrevivência.

O *American way of life* caracteriza-se como um instrumento de manutenção da dependência dos produtos importados na sociedade europeia que não possuía insumos e forças produtivas próprias. Esta necessidade de produtos importados, para suprir a defasagem interna europeia, ocasionou um grau de dependência de mercados. Os instrumentos influenciados pelo *American way of life* tinham como intenção os reflexos dimensionados pelo poder, retomando o ciclo apresentado por AGF. Os instrumentos descritos foram apresentados à sociedade, como o *design*, a propaganda, as artes, a produção e o cinema; tais instrumentos vão colaborar e demonstrar os objetivos determinados nas conferências de paz e nas doutrinas de influência dos Estados Unidos.

6 DIVULGAÇÕES DE PODER: A PROPAGANDA AMERICANA

O isolacionismo dos Estados Unidos refletia a oposição estadunidense ao sistema internacional eurocêntrico e regido pela *Realpolitik*¹⁵. Contudo, o pós-guerra mudou a maneira de se tratar esta situação do ponto de vista dos Estados Unidos que viam na Doutrina Truman um isolacionismo tradicional sobreposto por um engajamento estratégico articulado na política europeia, de maneira a angariar argumentos a seu favor. A transição do isolacionismo ao engajamento é um grande passo da maneira como Washington percebia o sistema internacional, de maneira até então inimaginável. Os Estados Unidos construíam sua esfera de influência na Europa utilizando-se não do nome do equilíbrio de poder ou da manutenção deste, mas utilizando na retórica o discurso de liberdade dos povos.

As intenções soviéticas sobre o leste europeu não eram grandes, somente com o advento do Plano Marshall e a promoção da reconstrução europeia por parte dos Estados Unidos, a União Soviética viu-se forçada a intervir. A divisão do solo da Europa afetou o que antes da guerra era bastante desenvolvido: o comércio entre o Oeste e o Leste da Europa. Este obedecia a um padrão de intercâmbio de bens de capital e de consumo industriais por matérias-primas e produtos agrícolas, de maneira organizada. Porém, com a injeção de dólares promovida pelo Plano Marshall, a economia da Europa Ocidental se

¹⁵ *Realpolitik*: política externa baseada, de modo exclusivo e explícito, no primado do interesse nacional. A *realpolitik* caracterizou a política externa dos Estados europeus no século XIX (MAGNOLI, D. **Relações Internacionais: teoria e história**. Saraiva: Rio de Janeiro, 2004, p. 82).

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

desenvolvia e as intenções soviéticas sob o leste europeu ficavam sendo a salvação para manter a influência política sobre a região. As relações comerciais de antes, foram agora abolidas.

A Guerra Fria passou a ser de conhecimento apenas político para ser popular, e deixou de ser argumentos para tratar efetivamente sobre o equilíbrio de poder através de influências. Seguindo a concepção de Clausewitz¹⁶ “a guerra é uma simples continuação da política por outros meios”.

O Plano Marshall recuperou da RFA, de maneira estratégica, recuperou o centro industrial alemão, que ocupava esta região, e Berlim Ocidental rapidamente nos anos 1950, o chamado "milagre alemão". Já a RDA, território menos industrializado, território mais castigado pela guerra, estava em situação precária. Os melhores salários encontrados do outro lado do muro e as tensões causadas pela transição ao socialismo produziram uma saída constante de cidadãos rumo ao oeste, especialmente os mais qualificados profissionalmente. Muitas pessoas moravam na zona oriental de Berlim e trabalhavam no ocidental. Por maior que fosse a vontade de deter dos soviéticos, a influência estadunidense crescia e estava presente no cidadão comum tanto quando na política.

Os encantos que a população de uma nação jovem como os Estados Unidos exerciam influência e atratividade da população que era regida por uma ditadura enquanto a outra via a glória em seus

¹⁶ CLAUSEWITZ, 1996, p.15.

GANZERT AFONSO, J.

ideais de liberdade. Nação esta que não conheceram um passado feudal ou absolutista e já nasceram Estado Nacional. Enquanto os europeus viram o expansionismo de seus Estados, os estadunidenses propagavam que eram livres e que seu expansionismo territorial era originado pela divulgação de ideais de liberdade.

Os fundamentos ideológicos do expansionismo americano estruturaram-se no Destino Manifesto que tratava de noções ligadas à providência divina, à liberdade política e à geopolítica do espaço vital.

A difusão das instituições americanas por novos territórios representava um prolongamento e alargamento de liberdade, enquanto discursavam sobre povos livres e reestruturação nacional, como ocorreu na reconstrução europeia através do Plano Marshall.

O enfoque cultural da difusão da ideologia de liberdade pode ser analisado na narrativa estadunidense sobre o papel dos Estados Unidos na guerra. A produção cultural sobre período reforçava a concepção de história nacional e inculcava através da propagação da cinematurgia ou da literatura visão e versão estadunidense da histórica como a verdadeira. Fatos estes que Scowen analisou pela estatística produtiva da época:

O cinema americano (...) conseguiu dominar o mundo e a visão que o mundo tem de si mesmo. Entre o final da Segunda Guerra Mundial 1970, por exemplo, a França fez 10 filmes sobre a guerra, enquanto os Estados Unidos lançaram 311, reforçando a imagem do

O *American Way of Life* na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

país como nação vencedora e heroína da libertação à custa da contribuição das outras forças aliadas¹⁷

Durante a Guerra Fria, a propagação da cultura, ideologia e comportamentos do *American way of life* poderiam ser facilmente visualizados nas dezesseis nações que receberam o auxílio do Plano Marshall. A expressão que denominava a cultura estadunidense foi comumente usada pela mídia para enaltecer as diferenças de padrões de vida das populações dos Estados Unidos e da União Soviética. Naquela época, a cultura popular estadunidense acreditava na política como uma forma de superioridade da democracia livre, com as bases alicerçadas na produção e na expansão econômica sem limites. A expressão se refere ao estilo de vida da população dos Estados Unidos. Tido como um modelo de comportamento baseado nos princípios éticos e morais da população que cultivam a vida, a liberdade e a busca pela felicidade.

Com a popularização da TV, e apesar dos protestos de intelectuais europeus que tratavam a cultura estadunidense como degenerativa da cultura local, no final dos anos 1950, o *American way of life* havia se transformado no “objeto” de desejo da população britânica, tanto nos termos culturais quanto de bens de consumo. Os filmes retratavam a “vida colorida” e sonhada que magnetizava os interesses da população austera do pós-guerra. Quando se deu um

¹⁷ SCOWEN, P. **O livro negro dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003, p.198-199.

assentamento do capitalismo europeu houve um encorajamento para o consumo, e a previsão da indústria estadunidense para além da obsolescência planejada – a qual incentivaria a produção destinada ao consumismo.

A grande estratégia estadunidense para a conquista de aliados, de acordo com o que apresenta Samuel Pinheiro Guimarães, pode ser resumida na ideia de manter a hegemonia ideológica estadunidense adquirida com a vitória na Segunda Guerra Mundial, além de promover a aceitação dos modelos estadunidenses políticos, econômicos e sociais como o padrão ideal a ser alcançado por todos os países. O *American way of life* era um dos meios de atingir as bases populares, e angariar apoio através do desejo de viver a felicidade transposta pela midiatização da dita “sociedade americana”.

Samuel Pinheiro Guimarães analisa e descreve o que seriam os “objetivos intermediários da estratégia ideológica americana” de acordo com seus estudos. Através destes pontos, é possível pontuá-los e analisá-los neste contexto:

- garantir o livre acesso dos sistemas de divulgação do *American way of life* a todas as sociedades(...)
- promover a divulgação dos ideais americanos através de sistemas de treinamento profissional para prováveis integrantes das futuras elites de terceiros países (...)
- garantir o controle de secretariados de organismos internacionais multilaterais com capacidade de formulação ideológica “internacionalista”. (...)
- apresentar o modelo socialista de organização política, econômica e social como intrinsecamente mau, destruidor dos valores ocidentais (...)

O *American Way of Life* na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

- apresentar os Estados Unidos como paladinos da independência dos povos coloniais, da liberdade individual, da democracia, da iniciativa privada e dos valores espirituais do homem, da igualdade e da não-discriminação étnica, social, religiosa e econômica (...)¹⁸

A compreensão da política exterior dos Estados Unidos somente ocorre com a compreensão da sociedade, e para isto o *American way of life* pode ser utilizado como ferramenta de análise. Nota-se, novamente, a presença do Destino Manifesto na preservação dos valores ocidentais dos quais seriam os Estados Unidos fiéis seguidores e depositários – liberdade política e religiosa, democracia e o capitalismo

Na história, os Estados Unidos sempre se puseram como disposto à auxiliar as nações que encontravam-se frágeis. A situação política no período pós-guerra viabilizou uma manobra estratégica estadunidense através do discurso assistencialista defendido pelo Programa de Reconstrução Europeu (Plano Marshall). Neste discurso Marshall propunha a lutar contra a fome e pobreza, o que remete a um elemento identificado ao longo da história estadunidense, o Destino Manifesto, que se trata da concepção de nação escolhida e fiéis depositários dos fundamentos ocidentais de liberdade, democracia e capitalismo, com o objetivo de salvar os países em crise.

A Europa, desfalcada internacionalmente nas relações de poder, foi submetida à influência estadunidense com a esperança de

¹⁸ GUIMARÃES, S. P. **Quinhentos anos de periferia: uma** contribuição ao estudo da política internacional. 3 ed. Porto Alegre: UFRGS; 2001, p.96-97.

se reerguer; por outro lado, os Estados Unidos propunham auxílio com intenções políticas. A formalização do aceite europeu diante da ajuda estadunidense, dependia do apoio popular para que não houvesse manifestações que possivelmente aproximariam do poder soviético e formariam uma imagem negativa dos Estados Unidos. Para tanto, o auxílio à Europa estava presente não somente no campo das decisões governamentais, mas no cotidiano popular através da inserção de elementos culturais estadunidenses, que instrumentalizavam a política de poder. Tratavam-se de elementos com características do *American way of life* que pudessem ter funcionalidade no cotidiano europeu, como o *design*, a propaganda, as artes, a produção e o cinema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre a política de poder no pós-guerra sobre a atuação dos Estados Unidos demonstra o interesse pelo poder a ponto de disputá-lo através da diplomacia e do discurso. O dano causado pela Segunda Guerra Mundial colocou a Europa como centro desta disputa, e a utilização de um exército não teria condições práticas. Nesse momento a noção de *soft power* apresentada por NYE enquadra perfeitamente no jogo de poder. De um lado o capitalismo representado pelo conforto do *American way of life* e pela Doutrina Truman (e o plano Marshall) engajam como o poder do discurso exerce influência de maneira a expandir o conceito de poder político.

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

Os Estados Unidos, movidos pelos seus ideais de liberdade e democracia, procuraram conquistar aliados divulgando seus interesses políticos e morais. A Europa enfraquecida pela guerra aceitou a presença estadunidense, que lhe oferecia ajuda e demonstrava uma perspectiva de futuro de paz e prosperidade, infiltrando-se com a sua própria cultura no contexto europeu.

A presença dos Estados Unidos necessitava firmar-se na Europa, e para isto teve-se que conquistar o apoio da população europeia. A conquista do poder não deveria ser imposta, mas conduzida de modo que a imagem vinculada aos estadunidenses não fosse pejorativa e de domínio. A forma encontrada que auxiliaria o posicionamento dos Estados Unidos foi a utilização de instrumentos que, de modo latente, pudessem contribuir com uma boa imagem de nação capitalista, democrata e livre.

A divulgação do estilo de vida da população dos Estados Unidos foi a força propulsora na obtenção de apoio diante de um cenário em que emergia outra nação com poder, a União Soviética. A imagem de uma sociedade com padrões de conforto e modernidade em um ambiente recém livre de combates causou atratividade. Os europeus viam nos objetos, nas artes, no cinema, enfim, nas projeções vindas dos Estados Unidos, um sinal de que suas vidas, que passaram pelos horrores da guerra, poderiam ser refeitas.

O Realismo, paradigma das Relações Internacionais, determina que seus atores são os Estados. A realidade entre os Estados é de vigilância contínua, visto que a segurança está sempre

em risco. Como condição de manutenção do poder estatal, e da segurança, determinou-se o perigo diante do “inimigo” que avançava em suas conquistas. Isto se refere à relação entre Estados Unidos e a União Soviética e a busca intermitente pela expansão de suas influências. Tal determinação foi tamanha, que os reflexos nas referências artísticas e culturais de todas aquelas nações que estivessem na rota do outro, era razão por disputas e de interferências pelos rastros das estratégias das políticas exteriores.

A difusão do estilo de vida dos estadunidenses pelo mundo afora, o *American way of life*, conquistou a população castigada pela guerra, e que enxergava glamour e felicidade expressa naquilo que vinha de uma nação que pouco sofrera com as destruições civis dos combates.

REFERÊNCIAS

ARON, R. **Paz e Guerra entre as nações**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado Editora Universidade de Brasília Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002.

BELLAVER, Rafael; MACEI, Demetrius Nichele. PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO INTERNACIONAL DAS EMPRESAS E O TREATY SHOPPING. **Revista Jurídica**, [S.l.], v. 3, n. 36, p. 349-372, dez. 2014. ISSN 2316-753X. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/1005/696>>. Acesso em: 10 dez. 2014. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/revistajur.2316-753X.v3i36.1005>.

CARDOSO, F. H.; FALETO, E. **Dependência e desenvolvimento na**

O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra

America Latina: ensaio de interpretação sociológica. 7.ed, Rio de Janeiro: LTC, 1970.

CARR, E. H. **Vinte anos de crise:** uma introdução ao estudo das Relações Internacionais. Brasília: UNB [2000], p. 89,

CLAUSEWITZ, C. v. **Da Guerra.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COMMAGER, H. S. NEVINS, A. **História dos EUA.** Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967.

CONTE, A. **Yalta:** ou a partilha do mundo. Bibliex: Rio de Janeiro, 1986.

DUBENA, Paulo Sergio; SÉLLOS-KNOERR, Viviane Coêlho de. BANCOS PÚBLICOS COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO. **Revista Jurídica**, [S.l.], v. 3, n. 36, p. 422-458, dez. 2014. ISSN 2316-753X. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/1019/707>>. Acesso em: 10 dez. 2014. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/revistajur.2316-753X.v3i36.1019>.

FRANK, A. G.; COCKCROFT, J. D.; JOHNSON, D. L. **Dependence and Underdevelopment:** Latin America's Political Economy. New York: Anchor Books, 1972.

GRIFFITHS, M. **50 grandes estrategistas das Relações internacionais.** São Paulo: Contexto, 2004

GUIMARÃES, S. P. **Quinhentos anos de periferia: uma** contribuição ao estudo da política internacional. 3 ed. Porto Alegre: UFRGS; 2001.

HOBSBAWM, E. **A Era dos Extremos:** o breve século XX (1914- 1991), 2ª ed, São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. **Tempos Interessantes:** Uma vida no século XX, São Paulo: Cia das Letras, 2002.

KEEGAN, J. **Uma história de guerra.** São Paulo: Companhia das

GANZERT AFONSO, J.

Letras, 1996.

MAGNOLI, D. **Relações Internacionais: teoria e história**. Saraiva: Rio de Janeiro, 2004.

MAQUIAVEL, N. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**, Brasília: UnB, 1994.

_____. **O Príncipe**, São Paulo: Martin Claret, 2003.

MEE, C. L. **O encontro de Potsdam: um momento crucial da história**, Rio de Janeiro: Record, 1975.

MORGENTHAU, H. **A Política entre as Nações: A luta pelo poder e pela paz**, Brasília: Editora Universidade de Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003.

NYE, J. S. **Understanding International Conflicts: An Introduction to Theory and History**. New York: HarperCollins, 1993

PERRY, M. **Civilização Ocidental: Uma história concisa**. 2 ed. Martins Fontes: São Paulo, 1999.

PORTER, M. **A Vantagem Competitiva das Nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SALDANHA, E. **Teoria das Relações Internacionais**. Curitiba: Juruá, 2005.

SCOWEN, P. **O livro negro dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SMOUTS, M. C. **As novas relações internacionais: práticas e teorias**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WALTZ, K. **Teoria das relações internacionais**. Lisboa: Gradiva, 2002.